

alphonse
de lamartine



GRAZIELLA

[TRADUÇÃO e POSFÁCIO]
sandra m. stroparo

CARAMBAIA

[SUMÁRIO]

GRAZIELLA



capítulo I
. 07 .

episódio
. 19 .

capítulo II
. 51 .

capítulo III
. 67 .

capítulo IV
. 85 .

a primeira saudade
. 129 .



POSFÁCIO
. 137 .

por sandra m. stroparo



GRAZIELLA

I

I

Quando eu tinha 18 anos, minha família me entregou aos cuidados de uma de minhas parentes cujos negócios a chamavam à Toscana, para onde iria acompanhada de seu marido. Era a ocasião de me fazer viajar e de me arrancar do ócio perigoso da casa paterna e das cidades de província, onde as primeiras paixões da alma se corrompem por falta de atividade. Parti com o entusiasmo de uma criança que vai ver subir a cortina das mais esplêndidas cenas da natureza e da vida.

Os Alpes, que eu via de longe desde minha infância brilhando com suas neves eternas, no extremo horizonte, do alto da colina de Milly; o mar, de imagens espetaculares que viajantes e poetas tinham colocado em meu espírito; o céu italiano, cujo calor e serenidade eu já havia, por assim dizer, respirado nas páginas de *Corinne* e nos versos de Goethe:

Você conhece esta terra em que florescem os mirtos?

os monumentos dessa Antiguidade romana ainda em pé, com que meus estudos ainda frescos tinham me enchido a cabeça; a liberdade, enfim; a distância que dá prestígio às coisas que

estão longe; as aventuras, os acidentes certos das longas viagens, que a imaginação jovem prevê, compõe a seu bel-prazer e saboreia previamente; a mudança de língua, de rostos, de costumes, que parece iniciar a inteligência em um mundo novo, tudo isso fascinava meu espírito. Vivi os longos dias de espera que precederam a partida em um estado constante de embriaguez. Renovado a cada dia pelas maravilhas da natureza da Savoia, na Suíça, sobre o lago de Genebra, sobre as geleiras de Simplon, no lago de Como, em Milão e em Florença, esse delírio só terminou quando voltei.

Os negócios que tinham conduzido minha companhia de viagem a Livorno se prolongaram indefinidamente, e cogitou-se minha volta à França sem ter visto Roma e Nápoles. Era como arrancar-me de meu sonho no momento em que iria alcançá-lo. Eu me revoltava interiormente contra tal ideia. Escrevi a meu pai pedindo-lhe autorização para continuar minha viagem à Itália sozinho, e, sem esperar resposta, que não supunha muito favorável, resolvi prevenir a desobediência pelo fato. “Se a proibição chegar”, eu me dizia, “chegará muito tarde. Serei repreendido, mas serei perdoado; voltarei mas terei visto”. Revisei minhas muitas estritas finanças; mas calculava que tinha um parente de minha mãe estabelecido em Nápoles e que ele não me recusaria algum dinheiro para a volta. Parti de Livorno em uma bela noite, pelo correio de Roma.

Passei lá sozinho o inverno, em um quartinho de uma rua obscura que desemboca na Piazza di Spagna, na casa de um pintor romano que me colocou, como em pensão, junto a sua família. Minha aparência, minha juventude, meu entusiasmo, meu isolamento em meio ao país desconhecido tinham interessado um de meus companheiros de viagem na rota entre Florença e Roma. Ele se ligou a mim com uma súbita amizade. Era um belo jovem mais ou menos da minha idade. Parecia ser

filho ou sobrinho do famoso cantor David, naquele momento o primeiro tenor dos teatros italianos. David viajava também conosco. Era um homem de idade já avançada. Ia cantar pela última vez no Teatro San Carlo, em Nápoles.

David me tratava como filho, e seu jovem companheiro me cobria de delicadezas e bondades. Eu respondia a seus avanços com o abandono e a ingenuidade da minha idade. Não tínhamos ainda chegado a Roma e o belo viajante e eu já éramos inseparáveis. O correio, nessa época, não demorava mais de três dias para ir de Florença a Roma. Nos albergues, meu novo amigo era meu intérprete; à mesa, me servia primeiro; no carro, arranjava para mim o melhor lugar a seu lado e, se eu adormecesse, estava certo de que minha cabeça teria seu ombro como travesseiro.

Quando eu descia de carro pelas longas subidas das colinas da Toscana ou da Sabina, ele descia comigo, me explicava o país, dava o nome das cidades, indicava monumentos. Até colhia belas flores e comprava ótimos figos e uvas na estrada; enchia minhas mãos e meu chapéu com essas frutas. David parecia ver com prazer a afeição de seu companheiro de viagem pelo jovem estrangeiro. Sorria algumas vezes me olhando com um ar de inteligência, delicadeza e bondade.

Chegando a Roma à noite, desci naturalmente no mesmo albergue que eles. Levaram-me para meu quarto; só acordei com a voz de meu jovem amigo que batia na porta e me convidava para o almoço. Vesti-me às pressas e desci para a sala onde os viajantes estavam reunidos. Ia apertar a mão de meu companheiro de viagem e o procurava em vão com os olhos entre os convivas, quando um riso geral explodiu em todos os rostos. No lugar do filho ou do sobrinho de David, percebi ao lado dele a encantadora silhueta de uma jovem romana elegantemente vestida e com cabelos negros, trançados em bandós em torno do rosto, unidos atrás por dois lon-

gos alfinetes de ouro com cabeça de pérola, como ainda usam as camponesas em Tívoli. Era meu amigo que tinha retornado, chegando a Roma, suas roupas e seu sexo.

Eu deveria ter duvidado da ternura em seu olhar e da graça em seu sorriso. Mas não tinha nenhuma suspeita. “O hábito não muda o coração”, a bela romana me disse, corando; “o senhor somente não dormirá mais em meu ombro, e, no lugar de receber flores de mim, é o senhor quem as oferecerá. Essa aventura lhe ensinará a não confiar nas aparências da amizade que tiverem pelo senhor mais tarde; isso poderia bem ser outra coisa”.

A jovem era uma cantora, aluna e favorita de David. O velho cantor a conduzia para todos os lugares com ele, vestida de homem para evitar os comentários na estrada. Ele a tratava como pai mais que como um protetor, e não era nada ciumento das doces e inocentes familiaridades que ele próprio tinha deixado se estabelecer entre nós.

II

David e sua aluna passaram algumas semanas em Roma. No dia seguinte a nossa chegada, ela retomou suas roupas de homem e me conduziu primeiro a São Pedro, depois ao Coliseu, a Frascati, a Tívoli, a Albano; eu evitava assim as cansativas repetições dos guias pagos que dissecam para os viajantes o cadáver de Roma e que, derramando sua monótona litania de nomes próprios e datas sobre nossas emoções, assombam o pensamento e desviam as sensações das coisas belas. *La Camilla* não era instruída, mas, nascida em Roma, conhecia por instinto os belos lugares e grandes panoramas que a haviam tocado desde a infância.

Ela me levava sem pensar aos melhores lugares e nas melhores horas para contemplar os restos da cidade antiga:

pela manhã, sob os pinheiros de imensas copadas do monte Pincio; à noite, sob as grandes sombras da colunata de São Pedro; ao luar, no círculo mudo do Coliseu; em belos dias de outono, a Albano, Frascati e ao templo da Sibila, barulhento e molhado do vapor das cascatas de Tívoli. Ela era alegre e brincalhona como uma estátua da eterna Juventude no meio desses vestígios do tempo e da morte. Dançava sobre a tumba de Cecília Metella e, enquanto eu sonhava sentado em uma pedra, fazia ressoar nas abóbadas sinistras do palácio de Diocleciano o brilho de sua voz de teatro.

À noite voltávamos para a cidade, com nosso carro cheio de flores e pedaços de estátuas, para encontrar o velho David, cujos negócios o retinham em Roma, e que nos levava para terminar o dia em seu camarote no teatro. A cantora, alguns anos mais velha que eu, não demonstrava nenhum sentimento além dos de amizade um pouco terna. Eu era muito tímido para demonstrar outros de minha parte, nem mesmo os sentia, apesar de minha juventude e de sua beleza. Suas roupas de homem, sua familiaridade viril, o som masculino de sua voz de contralto e a liberdade de suas maneiras me impressionavam de tal modo que só via nela um belo rapaz, um camarada e um amigo.

III

Quando Camilla partiu, fiquei absolutamente sozinho em Roma, sem nenhuma carta de recomendação, sem nenhum outro conhecimento além dos lugares, os monumentos e as ruínas onde Camilla tinha me levado. O velho pintor em cuja casa eu estava alojado só saía de seu ateliê domingo para ir à missa com a mulher e a filha, uma jovem de 16 anos tão laboriosa quanto ele. Sua casa era uma espécie de convento onde o trabalho do artista só era interrompido por uma refeição frugal e pela oração.

À noite, quando as últimas luzes do sol se apagavam nas janelas do quarto alto do pobre pintor, e os sinos dos mosteiros vizinhos soavam a ave-maria, esse harmonioso adeus do dia na Itália, o único repouso da família era rezar o terço juntos e salmodiar a meia-voz as litanias até que as vozes, abatidas pelo sono, se apagassem em um vago e monótono murmúrio parecido com o de uma onda que se acalma em uma praia aonde o vento chega com a noite.

Eu amava essa cena calma e pia da noite, que terminava uma jornada de trabalho com um hino de três almas se erguendo ao céu para descansar do dia. Isso me fazia lembrar da casa paterna onde nossa mãe nos reunia assim, à noite, para rezar, fosse no seu quarto, fosse nas alamedas de areia do jardimzinho de Milly, nas últimas horas do crepúsculo. Reencontrando os mesmos hábitos, os mesmos atos, a mesma religião, eu me sentia quase sob o teto paterno nessa família desconhecida. Jamais tinha visto vida mais recolhida, mais solitária, mais laboriosa e mais santificada que essa da casa do pintor romano.

O pintor tinha um irmão. Esse irmão não morava com ele. Ensinava italiano para estrangeiros distintos que passavam o inverno em Roma. Era mais que um professor de línguas, era um letrado romano de grande mérito. Ainda jovem, com aparência soberba, com um caráter antigo, tinha figurado com destaque nas tentativas de revolução que os republicanos romanos tinham feito para ressuscitar a liberdade em seu país. Era um dos tribunos do povo, um dos Rienzi da época. Nessa curta ressurreição da Roma antiga suscitada pelos franceses, insuflada por Mack e pelos napolitanos, ele tinha representado um dos papéis principais, arengado ao povo no Capitólio, hasteado a bandeira da independência e ocupado um dos primeiros postos da República. Perseguido, pressionado, aprisionado no momento da reação, devia sua salvação apenas à chegada dos franceses, que tinham salvado os republicanos, mas que tinham confiscado a República.

Esse romano adorava a França revolucionária e filosófica, execrava o imperador e o Império. Bonaparte era, para ele, como para todos os italianos liberais, o César da liberdade. Jovem ainda, eu tinha os mesmos sentimentos. Essa conformidade de ideias não tardou a se revelar entre nós. Percebendo o entusiasmo ao mesmo tempo juvenil e antigo com que eu vibrava às menções à liberdade quando líamos juntos os versos incendiários do poeta Monti ou as cenas republicanas de Alfieri, ele viu que podia se abrir comigo, e tornei-me menos seu aluno que seu amigo.

IV

A prova de que a liberdade é o ideal divino do homem é que ela é o primeiro sonho da juventude, e só desaparece em nossa alma quando o coração enfraquece e o espírito envilece e se desencoraja. Não há uma alma de 20 anos que não seja republicana. Não há um coração gasto que não seja servil.

Quantas vezes meu mestre e eu fomos sentar na colina da Villa Pamphili, de onde se vê Roma, seus domos, suas ruínas, seu Tibre que corre lento e sujo, silencioso, envergonhado, sob os arcos cortados da ponte Rotto, de onde se ouve o murmúrio queixoso de suas fontes e os passos quase mudos de seu povo andando em silêncio pelas ruas desertas! Quantas vezes não vertemos lágrimas amargas pelo destino deste mundo abandonado a todas as tiranias, onde a filosofia e a liberdade pareciam ter querido renascer um momento na França e na Itália apenas para serem contaminadas, traídas e oprimidas em toda parte! Quantas imprecações em voz baixa não saíam do nosso peito contra esse tirano do espírito humano, contra esse soldado coroad¹ que tinha apenas se fortalecido na Revolução para buscar nela a

1. Referência a Napoleão Bonaparte. [N.T.]

força de destruí-la e para submeter de novo os povos a todos os preconceitos e todas as servidões! É dessa época que datam para mim o amor pela emancipação do espírito humano e esse ódio intelectual contra tal herói do século, ódio ao mesmo tempo sentido e racionalizado, que a reflexão e o tempo só fazem justificar, apesar dos lisonjeadores de sua memória.

V

Foi sob o império dessas impressões que estudei Roma, sua história e seus monumentos. Saía de manhã, sozinho, antes que o movimento da cidade pudesse distrair o pensamento do contemplador. Levava embaixo do braço os historiadores, os poetas, os que descrevem Roma. Ia me sentar ou errar pelas ruínas desertas do Fórum, do Coliseu, da *campagna* romana. Olhava, lia, pensava alternadamente. Fazia de Roma um estudo sério, mas um estudo em ação. Foi meu melhor curso de História. A Antiguidade, ao contrário de ser um tédio, tornou-se para mim um sentimento. Não seguia nesse estudo nenhum outro plano além das minhas inclinações. Ia ao acaso, aonde meus passos me levavam. Passava da Roma antiga à Roma moderna, do Panteão ao palácio de Leão X, da casa de Horácio a Tibur e à casa de Raphael. Poetas, pintores, historiadores, grandes homens, tudo passava confusamente diante de mim; eu só parava nos momentos em que algo me interessava mais naquele dia.

Em torno das onze horas, voltava à minha pequena alcova na casa do pintor para almoçar. Comia um pedaço de pão e de queijo, lendo sobre minha mesa de trabalho. Bebia um copo de leite; depois trabalhava, anotava, escrevia até a hora do jantar, que a mulher e a filha de meu anfitrião preparavam para nós. Depois da refeição, saía novamente para outras caminhadas e só voltava com a noite fechada. Algumas horas

de conversa com a família do pintor e leituras prolongadas por longo tempo noite adentro terminavam esses prazerosos dias. Eu não sentia nenhuma necessidade de convívio. Sentia prazer em meu isolamento. Roma e minha alma me eram suficientes. Passei assim um longo inverno, desde o mês de outubro até o abril seguinte, sem um dia de preguiça ou tédio. Foi sob a lembrança dessas impressões que dez anos depois escrevi os versos sobre Tibur.

VI

Agora, quando procuro bem em meus pensamentos todas as impressões de Roma, encontro apenas duas que apagam, ou que ao menos dominam as outras: o Coliseu, obra do povo romano; São Pedro, obra-prima do catolicismo. O Coliseu é a marca gigantesca de um povo sobre-humano que construía, por seu orgulho e prazer ferozes, monumentos capazes de conter toda uma nação. Monumento que rivaliza pelo tamanho e duração com as próprias obras da natureza. O Tibre terá secado em suas margens de lama e o Coliseu ainda existirá.

São Pedro é a obra de um pensamento, de uma religião, da humanidade toda em uma época do mundo. Não é mais um edifício destinado a abrigar um povo vil. É um templo destinado a conter toda a filosofia, todas as orações, toda a grandeza, todo o pensamento do homem. As paredes parecem se elevar e crescer, não mais segundo as proporções de um povo, mas segundo as proporções de Deus. Só Michelangelo compreendeu o catolicismo e lhe deu em São Pedro sua mais sublime e mais completa expressão. São Pedro é realmente a apoteose em pedras, a transfiguração monumental da religião de Cristo.

Os arquitetos das catedrais góticas eram bárbaros sublimes. Michelangelo apenas era um filósofo em sua con-

cepção. São Pedro é o cristianismo filosófico, de onde o arquitecto divino expulsa as trevas e onde faz entrar o espaço, a beleza, a simetria, a luz em vagas inesgotáveis. A beleza de São Pedro de Roma é ser um templo que parece destinado apenas a revestir a ideia de Deus de todo o seu esplendor.

O cristianismo pereceria e São Pedro continuaria ainda sendo o templo universal, eterno, racional de qualquer religião que sucedesse ao culto do Cristo, visto que essa religião foi digna da humanidade e de Deus! É o templo mais abstrato que o gênio humano, inspirado por uma ideia divina, jamais construiu aqui embaixo. Quando entramos nele, não sabemos se entramos em um templo antigo ou em um templo moderno, nenhum detalhe ofusca os olhos, nenhum símbolo distrai o pensamento; os homens de todos os cultos entram ali com o mesmo respeito. Sentimos que é um templo que só pode ser habitado pela ideia de Deus e que qualquer outra ideia não preencheria.

Mude-se o padre, retire-se a mesa do altar, leve-se embora as estátuas, nada mudou, é ainda a casa de Deus! ou antes, São Pedro é sozinho um grande símbolo desse cristianismo eterno que, possuindo em sua moral e em sua santidade o germe dos desenvolvimentos sucessivos do pensamento religioso de todos os séculos e de todos os homens, se abre à razão à medida que Deus a ilumina, comunica com Deus em sua luz, alarga-se e eleva-se às proporções do espírito humano, crescendo sem cessar e recolhendo todos os povos na unidade da adoração; faz de todas as formas divinas um só Deus, de todas as fés um só culto, e de todos os povos uma só humanidade.

Michelangelo é o Moisés do catolicismo monumental, como ele será um dia compreendido. Ele fez o arco imperecível dos tempos futuros, o Panteão da razão divinizada.

VII

Enfim, depois de ter-me saciado com Roma, quis ver Nápoles. Eram o túmulo de Virgílio e o berço de Tasso que sobretudo me atraíam. Os lugares foram sempre homens para mim. Nápoles é Virgílio e Tasso. Para mim parecia que tinham vivido ontem, e que suas cinzas ainda estavam mornas. Já enxergava o Posillipo e Sorrento, o Vesúvio e o mar através da atmosfera de seus belos e sensíveis gênios.

Parti para Nápoles nos últimos dias de março. Viajava em cabriolé com um negociante francês que tinha procurado um companheiro de estrada para aliviar os custos da viagem. A alguma distância de Velletri encontramos o carro do correio de Roma a Nápoles tombado à beira do caminho e crivado de balas. O estafeta, o cocheiro e dois cavalos foram mortos. Acabavam de levar os mortos para um casebre vizinho. As encomendas rasgadas e os pedaços de cartas voavam ao vento. Os bandidos tinham tomado a estrada para Abruzzo. Destacamentos da cavalaria e da infantaria francesas, cujas companhias estavam acampadas em Terracina, os perseguiam entre os rochedos. Escutávamos os disparos dos atiradores e víamos sobre todo o flanco da montanha fumacinhas dos tiros de fuzil. De trechos em trechos encontrávamos postos de tropas francesas e napolitanas distribuídos pela estrada. Assim é que se entrava então no reino de Nápoles.

Esse assalto tinha um carácter político. Murat reinava. Os calabreses resistiam ainda; o rei Ferdinando, exilado na Sicília, sustentava com subsídios próprios os chefes das guerrilhas nas montanhas. O famoso Fra Diavolo liderava o combate desses bandos. Suas ações eram assassínatas. Só encontramos ordem e segurança nos arredores de Nápoles.

Cheguei lá no dia 1º de abril. Juntou-se a mim, alguns dias mais tarde, um jovem de minha idade a quem era ligado no colégio por uma amizade realmente fraternal. Ele se chamava Aymon de Virieu. Sua vida e a minha foram de tal modo unidas, desde a infância até sua morte, que nossas duas existências eram como parte uma da outra, e eu falei dele em quase todos os lugares onde estive a falar de mim...

[EPISÓDIO]

I

Levava em Nápoles mais ou menos a mesma vida contemplativa que em Roma na casa do velho pintor da Piazza di Spagna; apenas, em vez de passar meus dias a errar entre as ruínas da Antiguidade, eu os passava a errar nas bordas ou nas ondas do golfo de Nápoles. Voltava à noite ao velho convento onde, graças à hospitalidade do parente de minha mãe, ocupava uma pequena alcova sob o telhado, cuja sacada, enfeitada com vasos de flores e plantas trepadeiras, se abria para o mar e para o Vesúvio, para Castellammare e Sorrento.

Quando o horizonte da manhã estava límpido, via brilhar a casa branca de Tasso, suspensa como um ninho de cegonha no cume de uma falésia de rocha amarela, cortada a prumo pelas ondas. Essa vista me revigorava. A luz dessa casa brilhava até o fundo de minha alma. Era como um clarão de glória que cintilava de longe sobre minha juventude e em minha obscuridade. Eu me lembrava da cena homérica da vida desse grande homem quando, saído da prisão, perseguido pela inveja dos pequenos e pela calúnia dos grandes, vilipendiado até seu gênio, sua única riqueza, voltava a Sorrento buscar um pouco de repouso, ternura ou piedade e, disfarçado de mendigo, se apresentava a sua irmã para provocar

seu coração e ver se ela ao menos reconheceria aquele que ela tanto tinha amado.

“Ela o reconheceu na mesma hora”, diz o biógrafo ingênuo, “apesar de sua palidez doentia, sua barba embranquecida e seu casaco rasgado. Ela se joga em seus braços com mais ternura e misericórdia que se tivesse reconhecido seu irmão sob as roupas de ouro dos cortesões de Ferrara. Sua voz fica por muito tempo afogada pelos soluços; ela aperta o irmão contra o coração. Ela lhe lava os pés, traz o casaco de seu pai, prepara uma refeição de festa. Mas nem um nem outro puderam tocar nos pratos que foram servidos, de tanto que seus corações estavam cheios de lágrimas, e eles passaram o dia a chorar sem se dizer nada, olhando o mar e se lembrando de sua infância”.

II

Um dia, no começo do verão, no momento em que o golfo de Nápoles, circundado de suas colinas, de suas casas brancas, de seus rochedos atapetados de videiras e contornando seu mar mais azul que seu céu, se parece com uma taça de um verde antigo que embranquece com a espuma, e cujas hera e parreiras enfeitam as ansas e as bordas, era a estação em que os pescadores de Posillipo, que suspendem suas cabanas nos rochedos e estendem suas redes sobre suas pequenas praias de areia fina, se distanciam da terra com confiança e vão pescar à noite em dois ou três lugares no mar até sob as falésias de Capri, de Procida, de Ischia e no meio do golfo de Gaeta.

Alguns trazem tochas de resina, que acendem para enganar os peixes. O peixe sobe para a luz pensando que é o crepúsculo do dia. Uma criança, agachada na proa do barco, inclina em silêncio a tocha sobre a onda, enquanto o pescador, mergulhando com os olhos no fundo da água, procura descobrir sua presa e envolvê-la com a rede. Esses fogos, ver-

melhos como bocas de fornalhas, se refletem em longos sulcos ondulantes sobre o manto do mar como os longos rastos de luz que a lua projeta. A ondulação das vagas os faz oscilar e prolonga o ofuscamento de onda em onda tão longe que a primeira vaga os reflete nas vagas que a seguem.

III

Passávamos sempre, meu amigo e eu, horas inteiras sentados em um recife ou nas ruínas úmidas do palácio da rainha Joanna, olhando os reflexos fantásticos e invejando a vida errante e despreocupada desses pobres pescadores.

Alguns meses de estada em Nápoles, o convívio habitual com os homens do povo durante nossos trajetos de todos os dias no campo e na praia nos tinham familiarizado com sua língua acentuada e sonora, em que o gesto e o olhar têm mais lugar que a palavra. Filósofos por pressentimento e cansados das agitações vãs da vida antes de tê-las conhecido, nós muitas vezes tínhamos inveja desses felizes lazarones que cobriam então a praia e os cais de Nápoles e passavam os dias dormindo à sombra de seus barquinhos, na areia, ouvindo os versos improvisados de seus poetas ambulantes, e à noite dançando a tarantela com as jovens de sua casta, sob algum caramanchão à beira-mar. Conhecíamos seus hábitos, seu caráter e seus costumes muito melhor que os do mundo elegante, que nunca frequentávamos. Essa vida nos dava prazer e adormecia os movimentos febris da alma que consomem inutilmente a imaginação dos jovens antes da hora em que seu destino os chama para agir ou pensar.

Meu amigo tinha 20 anos, eu tinha 18: estávamos portanto ambos na idade em que é permitido confundir sonhos com realidades. Resolvemos conhecer esses pescadores e embarcar com eles para levar a mesma vida por alguns dias.

Aquelas noites mornas e luminosas passadas sob a vela, no berço ondulante das ondas e sob o céu profundo e estrelado, pareciam um dos mais misteriosos deleites da natureza, que era preciso surpreender e conhecer, ainda que fosse apenas para contar mais tarde.

Livres e sem ter de prestar contas de nossas ações e de nossa ausência a ninguém, fizemos no dia seguinte o que tínhamos sonhado. Percorrendo a praia de La Margellina, que se estende diante do túmulo de Virgílio, ao pé do monte Posillipo, e onde os pescadores de Nápoles empurram seus barcos sobre a areia e arrumam suas redes, vimos um velho ainda robusto. Embarcava seus utensílios de pesca em seu caíque pintado com cores berrantes e com uma pequena imagem esculpida de São Francisco sobreposta na popa. Um menino de 12 anos, seu único remador, trazia dois pães para o barco naquele momento, um queijo de búfala duro, brilhante e dourado como as pedrinhas da praia, alguns figos e água em um jarro de argila.

A aparência do velho e da criança chamou nossa atenção. Começamos uma conversa. O pescador se pôs a sorrir quando lhe propusemos que nos recebesse como remadores e nos levasse ao mar com ele.

— Vocês não têm as mãos calejadas que são necessárias para segurar o remo — ele disse. — Suas mãos brancas são feitas para tocar plumas e não madeira: será uma pena endurecê-las no mar.

— Somos jovens — meu amigo respondeu — e queremos tentar todas as profissões antes de escolher uma. A sua nos interessa, porque se dá sobre o mar e sob o céu.

— Vocês têm razão — replicou o velho timoneiro —, é uma profissão que deixa o coração contente e o espírito confiante na proteção dos santos. O pescador está sob a guarda imediata do céu. O homem não sabe de onde vêm o vento e a

onda. A plaina e a lima estão na mão do artesão, a riqueza ou o favor estão na mão do rei, mas o barco está na mão de Deus.

Essa pia filosofia do barqueiro fez com que mais nos apegássemos à ideia de embarcar com ele. Depois de longa resistência ele consentiu. Combinamos entregar dois carlinos² por dia para pagar nosso aprendizado e nossa comida.

Combinações feitas, ele mandou a criança procurar em La Margellina mais provisões de pão, vinho, queijos secos e frutas. Ao cair do dia nós o ajudamos a colocar sua barca nas ondas e partimos.

IV

A primeira noite foi deliciosa. O mar estava calmo como um lago cercado pelas montanhas da Suíça. À medida que nos distanciávamos do rio, víamos as línguas de fogo das janelas do palácio e dos cais de Nápoles desaparecer sob a linha sombria do horizonte. Só os faróis nos mostravam a costa. Empalideciam ante a leve coluna de fogo que saía da cratera do Vesúvio. Enquanto o pescador jogava e puxava sua rede e a criança, meio adormecida, deixava sua tocha vacilar, dávamos de vez em quando um fraco impulso ao barco e ouvíamos encantados as gotas sonoras da água, que brilhava nos remos, cair harmoniosamente no mar como pérolas em uma bacia de prata.

Tínhamos já havia muito contornado a ponta do Posillipo, atravessado o golfo de Pozzuoli, o de Baia, e atravessado o canal do golfo de Gaeta, entre o cabo Miseno e a ilha de Procida. Estávamos em pleno mar; o sono nos ganhava. Deitamos sob os bancos, ao lado da criança.

2. Moeda napolitana. [N.T.]

O pescador estendeu sobre nós a pesada vela dobrada no fundo da barca. Dormimos assim entre duas ondas, embalados pelo balanço insensível de um mar que apenas fazia inclinar o mastro. Quando acordamos, já era dia alto.

Um sol brilhante cintilava em fitas de fogo sobre o mar e reverberava sobre as casas brancas de uma costa desconhecida. Uma brisa leve, que vinha dessa terra, fazia palpitar a vela sobre nossa cabeça e nos empurrava de ansa em ansa e de rochedo em rochedo. Era a costa dentada e escarpada da encantadora ilha de Ischia, que eu habitaria e amaria tanto mais tarde. Ela me aparecia, pela primeira vez, nadando na luz, saindo do mar e se perdendo no azul do céu, eclodindo como de um sonho de poeta durante um leve sono de uma noite de verão...

V

A ilha de Ischia, que separa o golfo de Gaeta do golfo de Nápoles, e que um canal estreito separa da ilha de Procida, é apenas uma montanha escarpada cujo cimo branco e achatado crava no céu seus dentes espaçados. Seus flancos abruptos, riscados por valões, ravinas, leitos de torrentes, são revestidos de alto a baixo por castanheiras verde-escuras. Seus platôs mais próximos do mar e inclinados sobre as ondas têm casinhas, vilas rústicas e vilarejos meio escondidos sob as parreiras. Cada um desses vilarejos tem sua marinha, assim se chama o pequeno porto onde flutuam os barcos dos pescadores da ilha e onde se balançam alguns mastros de navios de vela latina. As vergas dos mastros tocam nas árvores e nas videiras da encosta.

Não há nenhuma dessas casas suspensas nas encostas da montanha, escondida no fundo das ravinas, piramidando sobre um de seus platôs, projetada sobre um de seus cabos,

encostada no bosque de castanheiras, sombreada por seu grupo de pinheiros, contornada por suas arcadas brancas e enfeitada por trepadeiras pendentes, que não fosse em sonho o lar ideal de um poeta ou de um amante.

Nossos olhos não se cansavam desse espetáculo. A costa abundava em peixes. O pescador tivera uma boa noite. Atracamos em uma das pequenas ansas da ilha para recolher água de uma fonte vizinha e para descansar nos rochedos. Ao sol que se punha, voltamos para Nápoles, deitados em nossos bancos de remadores. Uma vela quadrada, aberta de través em um pequeno mastro na proa, de que a criança cuidava, era suficiente para nos fazer acompanhar as falésias de Procida e do cabo Miseno, e para fazer espumar a superfície do mar sob nosso esquite.

O velho pescador e a criança, ajudados por nós, puxaram seu barco sobre a areia e levaram os cestos de peixes para a cava da casinha em que moravam, sob os rochedos de La Margellina.

VI

Nos dias seguintes, retomamos alegremente nosso novo ofício. Singramos uma a uma todas as ondas do mar de Nápoles. Seguíamos o vento com indiferença para onde ele soprava. Visitamos também a ilha de Capri, onde a imaginação rejeita ainda a sombra sinistra de Tibério; Cuma e seus templos, enterrados sob os loureiros folhosos e as figueiras selvagens; Baia e suas praias mornas, que parecem ter envelhecido e embranquecido como esses romanos cujas juventude e delícias elas antigamente abrigavam; Portici e Pompeia, risonhas sob a lava e a cinza do Vesúvio; Castellammare, cujas altas e negras florestas de loureiros e de castanheiras selvagens, repetindo-se sobre o mar, tingem de verde-escuro as

ondas sempre murmurantes da enseada. O velho timoneiro conhecia em todos os lugares alguma família de pescadores como ele, de quem recebíamos hospitalidade quando o mar estava grosso e nos impedia de voltar a Nápoles.

Durante dois meses não entramos em um albergue. Vivíamos ao ar livre com o povo e da vida frugal do povo. Nós mesmos nos fizemos povo para estar mais perto da natureza. Quase adquirimos seus costumes. Falávamos sua língua e a simplicidade de seus hábitos nos comunicava, por assim dizer, a ingenuidade de seus sentimentos.

Essa transformação, aliás, custou pouco a meu amigo e a mim. Educados ambos no campo durante as tempestades da Revolução, que tinha abatido ou dispersado nossas famílias, tínhamos, durante nossa infância, vivido muito a vida do camponês: ele, nas montanhas de Grésivaudan, com uma ama que o tinha recolhido durante a prisão de sua mãe; eu, nas colinas do Mâconnais, na pequena casa rústica onde meu pai e minha mãe tinham recolhido seu ninho ameaçado. Do pastor ou do trabalhador de nossas montanhas ao pescador do golfo de Nápoles, a diferença é o lugar, a língua e a profissão. O sulco ou a onda inspiram os mesmos pensamentos nos homens que trabalham a terra ou a água. A natureza fala a mesma língua aos que coabitam com ela na montanha ou no mar.

Experimentamos. No meio desses homens simples, não nos achávamos deslocados. Os mesmos instintos são um parentesco entre os homens. A própria monotonia dessa vida nos agradava e nos embalava. Vimos com pena o fim do verão avançar e se aproximarem os dias de outono e inverno, quando seria necessário voltar a nossa pátria. Nossas famílias, inquietas, começavam a nos chamar. Afastávamos o quanto podíamos essa ideia de partir, e amávamos fazer de conta que essa vida não teria fim.

VII

Entretanto, setembro começava com suas chuvas e seus trovões. O mar estava menos manso. Nosso trabalho, mais difícil, ficava perigoso às vezes. As brisas esfriavam, a onda espumava e frequentemente nos molhava com seus respingos. Compramos no porto dois desses capotes de lã marrom grossa que os marinheiros e os lazarones de Nápoles jogam sobre os ombros durante o inverno. As mangas largas desses capotes pendem em torno dos braços nus. O capuz jogado para trás ou sobre a testa, dependendo do clima, protege a cabeça do marinheiro da chuva ou do frio, ou deixa a brisa e os raios do sol brincar em seus cabelos molhados.

Um dia partimos de La Margellina com um mar de almirante, que nenhum sopro enrugava, para ir pescar salmonetes e os primeiros atuns na costa de Cuma, onde as correntes os jogam nessa estação. As neblinas vermelhas da manhã flutuavam perto da costa e anunciavam vento para a noite. Esperávamos prevê-lo e ter tempo de passar o cabo Miseno antes que o mar pesado e adormecido se encapelasse.

A pesca era abundante. Quisemos jogar mais umas redes. O vento nos surpreendeu; ele vinha do cume do Epomeo, imensa montanha que domina Ischia, com o barulho e o peso da própria montanha que se abatia sobre o mar. Primeiro ele aplainou todo o espaço líquido a nossa volta, como a grade de ferro aplaina a gleba e nivela os sulcos. Depois a onda, voltando de surpresa, se encheu murmurante e profunda e se ergueu, em poucos minutos, a uma altura tal que escondia de vez em quando a costa e as ilhas.

Estávamos igualmente longe da terra firme e de Ischia, e já a meio do canal que separa o cabo Miseno da ilha grega de Procida. Só havia uma coisa a fazer: entrar resolutamente no canal e, se conseguíssemos atravessá-lo, nos jogar à esquerda no golfo de Baía e nos abrigar em suas águas tranquilas.

O velho pescador não hesitou. Do cume de uma onda no qual o equilíbrio do barco nos suspendeu um momento em um turbilhão de espuma, olhou rapidamente a sua volta, como um homem perdido que sobe em uma árvore para procurar seu caminho, e depois se lançou ao leme: “Aos remos, crianças!”, ele gritou, “temos de navegar para o cabo mais rápido que o vento; se ele nos alcançar, estamos perdidos!”. Obedecemos como o corpo obedece ao instinto.

Com os olhos fixados em seus olhos, para procurar ali um rápido indício de direção, nos inclinamos sobre nossos remos e, ora atravessando penosamente os lados das ondas montantes, ora nos precipitando com sua espuma no fundo das ondas que desciam, procurávamos acelerar nossa ascensão ou retardar nossa queda com a resistência dos remos na água. Oito ou dez ondas cada vez maiores nos jogaram na parte mais estreita do canal. Mas o vento nos tinha ultrapassado, como dissera o piloto, e, precipitando-se entre o cabo e a ponta da ilha, tinha conseguido tal força que levantava o mar com os borbulhos de uma lava furiosa, e a onda, não encontrando espaço para fugir rápido o suficiente do furacão que a empurrava, acumulava-se sobre si mesma, caía, escorria, espalhava-se em todas as direções como um mar louco, e, procurando fugir sem poder escapar do canal, feria-se em golpes terríveis contra os rochedos escarpados do cabo Miseno e elevava uma coluna de espuma cuja garoa chegava até nós.

VIII

Tentar atravessar aquela passagem com um barco tão frágil, que um só jato de espuma podia encher e engolir, era insensato. O pescador lançou para o cabo embranquecido pela coluna de espuma um olhar que não esquecerei jamais, depois fez o sinal da cruz: “Passar é impossível”, gritou, “re-

cuar para o mar alto ainda mais. Só há uma escolha: atracar em Procida ou perecer”.

Novatos que éramos na prática do mar, sentíamos a dificuldade de tal manobra em um vento como aquele. Indo para o cabo, o vento nos pegava pela popa, nos empurrava a sua frente; seguimos o mar que fugia conosco, e as ondas, erguendo-nos sobre seu cume, nos elevavam com elas. Tinham assim menos chance de nos envolver nos abismos que cavavam. Mas para atracar em Procida, cujos fogos noturnos percebíamos brilhar a nossa direita, era preciso atravessar obliquamente as ondas e deslizar, por assim dizer, em seus vales em direção da costa, oferecendo o flanco à vaga e os finos bordos da barca ao vento. Entretanto, a necessidade não nos permitia hesitar. O pescador nos fazia sinal de levantar os remos, aproveitava o intervalo entre uma onda e outra para virar de bordo. Costeamos o cabo em direção de Procida e avançamos como um pedaço de alga marinha que uma vaga arremessa a outra vaga e que a onda retoma da onda.

IX

Avançávamos pouco; a noite tinha caído. A garoa, a espuma, as nuvens que o vento deslocava em fiapos rasgados sobre o canal redobravam a escuridão. O velho tinha ordenado à criança que acendesse uma de suas tochas de resina, fosse para clarear um pouco sua manobra nas profundezas do mar, fosse para indicar aos marinheiros de Procida que um barco estava em perigo no canal, e para pedir não o seu socorro, mas suas orações.

Era um espetáculo sublime e sinistro o dessa pobre criança agarrada com uma mão ao pequeno mastro que subia da proa e com a outra erguendo acima de sua cabeça aquela tocha de fogo vermelho cuja chama e a fumaça se

torciam ao vento e lhe queimavam os dedos e os cabelos. Essa faísca flutuante, aparecendo no cume das ondas e desaparecendo em sua profundidade, sempre pronta a se apagar e sempre reacendida, era como o símbolo daquelas quatro vidas de homens que lutavam entre a salvação e a morte nas sombras e nas angústias daquela noite.

X

Três horas, cujos minutos têm a duração dos pensamentos que os medem, se passaram assim. A lua apareceu e, como sempre, o vento mais furioso ergueu-se com ela. Se tivéssemos uma vela, mínima que fosse, ele nos teria emborcado vinte vezes. Ainda que os bordos muito baixos da barca oferecessem pouca superfície ao furacão, havia momentos em que ele parecia desenraizar nossa quilha das ondas e nos fazia voltear como uma folha seca arrancada de uma árvore.

Recebíamos muita água: não conseguíamos esvaziar tão rápido quanto ela entrava. Havia momentos em que sentíamos as tábuas cederem sob nós como um caixão que desce à cova. O peso da água deixava a barca menos obediente e poderia deixá-la mais lenta para se recuperar quando estivesse entre duas ondas. Um só segundo de demora, estava tudo acabado.

O velho, sem poder falar, fez um sinal, com lágrimas nos olhos, para jogarmos ao mar tudo que sobrecarregava o fundo do barco. Os jarros de água, os cestos de peixes, duas grossas velas, a âncora de ferro, os cordames, até os pacotes com seus trapos pesados, mesmo nossos capotes de lã grossa encharcados de água, tudo passou por sobre o bordo. O pobre nauta olhou um momento toda a sua riqueza boiando. O barco se ergueu e correu ligeiramente sobre a crista das ondas como um corcel de que se tira a carga.

Entramos sem perceber em um mar mais manso, um pouco abrigado pela ponta ocidental de Procida. Com o vento fraco, a chama da tocha se endireitou, a lua abriu um grande vão azul entre as nuvens; as ondas, alongando-se, se aplainaram e pararam de espumar em nossa frente. Pouco a pouco o mar ficou encrespado e marulhante como em uma ansa quase tranquila, e a sombra negra da falésia de Procida cortou a linha do horizonte. Estávamos nas águas do meio da ilha.

XI

O mar estava muito grosso na ponta para que pudéssemos alcançar o porto. Tivemos de decidir atracar na ilha por seus flancos e no meio de seus recifes. “Não tenham mais medo, crianças”, disse o pescador, reconhecendo a margem com a claridade da tocha, “a Madona nos salvou. Já atingimos a terra e dormiremos esta noite em minha casa”. Pensamos que ele tinha perdido o juízo porque não sabíamos de outra casa além da cabana sombria de La Margellina e, para voltar até lá antes da noite, seria preciso se lançar mais uma vez no canal, dobrar o cabo e enfrentar de novo o mar rugidor de que acabávamos de escapar.

Mas ele sorria de nosso ar de espanto e, entendendo em nossos olhos o que pensávamos, disse: “Fiquem tranquilos, jovens, chegaremos lá sem que nenhuma onda nos molhe”. Depois ele nos explicou que era de Procida, que ainda possuía, naquele lado da ilha, a cabana e o jardim de seu pai e que, naquele exato momento, sua velha mulher e sua neta, irmã de Beppino, nosso jovem aprendiz de marinheiro, e dois outros netos estavam em sua casa para secar os figos e para vindimar as parreiras cujas uvas eles vendiam em Nápoles. “Mais algumas remadas”, acrescentou, “e beberemos água doce da fonte, que é mais límpida que o vinho de Ischia”.

Essas palavras nos deram coragem, remamos ainda pelo espaço de mais ou menos uma légua ao longo da costa direita e espumosa de Procida. De vez em quando a criança levantava e sacudia a tocha. Projetava sua luz sinistra sobre os rochedos e nos mostrava uma muralha inabordável em todas as direções. Enfim, contornando uma ponta de granito que avançava no mar em forma de fortaleza, vimos a falésia inclinar-se e afundar um pouco como uma brecha em uma muralha; uma manobra do leme nos fez virar à direita para a costa, três últimas ondas empurraram nosso barco exaurido entre dois recifes, onde a espuma fervilhava em um baixio.

XII

A proa, tocando a rocha, gerou um estouro seco como a rachadura de uma tábua que cai em falso e se quebra. Saltamos no mar, amarramos o barco o melhor possível com um resto de corda e seguimos o velho e a criança que marchavam a nossa frente.

Galgamos uma espécie de rampa estreita no flanco da falésia em que o cinzel tinha esculpido no rochedo degraus desiguais, escorregadios pelos respingos do mar. Essa escada de pedra viva, que sumia às vezes sob os pés, era substituída por alguns degraus artificiais, feitos com longas varas afundadas nos buracos das muralhas, e, jogando sobre essa plataforma trêmula, umas tábuas alcatroadas de velhos barcos ou feixes de galhos de castanheiras guarnecidos de suas folhas secas.

Depois de ter subido assim mais ou menos quatrocentos ou quinhentos degraus, chegamos a um pequeno pátio suspenso cercado por um parapeito de pedras cinza. No fundo do pátio abriam-se dois arcos sombreados que pareciam conduzir a uma cava. Acima desses arcos densos, duas arcadas arredondadas e rebaixadas sustentavam a laje de um terraço cujas bordas estavam guarnecidas de vasos de alecrim

e de manjerição. Sob as arcadas, víamos uma galeria rústica onde brilhavam, como lustres de ouro à claridade da lua, feixes de espigas de milho suspensos.

Uma porta de tábuas mal unidas se abria para essa galeria. À direita, o terreno, sobre o qual a casinha estava desigualmente assentada, se elevava até o mesmo nível da galeria. Uma grande figueira e algumas cepas tortas de videiras se inclinavam dali sobre o canto da casa, confundindo suas folhas e frutos sob as frestas da galeria e lançando duas ou três guirlandas serpenteantes sobre a parede de apoio das arcadas. Os galhos gradeavam a metade de duas janelas baixas que se abriam para essa espécie de jardim, e, não fossem essas janelas, poderíamos tomar a casa maciça, quadrada e baixa, por um desses rochedos cinza dessa costa ou por um desses blocos de lava fria que a castanheira, a hera e a videira apertam e envolvem com seus ramos, e onde o vinhateiro de Castellammare ou de Sorrento cava uma gruta fechada com uma porta para conservar seu vinho ao lado da cepa que o gerou.

Sem fôlego pela escalada longa e rápida que acabávamos de fazer e pelo peso dos remos que carregávamos nos ombros, paramos um momento, o velho e nós, para retomar o fôlego nesse pátio. Mas a criança, jogando o remo em um monte de arbustos e subindo rapidamente a escada, se pôs a bater em uma das janelas com a tocha ainda acesa, chamando com voz feliz a avó e a irmã: “Mamãe, minha irmã! *Madre! Sorellina!*”, gritava, “Gaetana! Graziella! acordem; abram, é o pai, sou eu; há estrangeiros conosco”.

Ouvimos uma voz mal despertada, mas clara e doce, que soltava confusamente algumas exclamações de surpresa no fundo da casa. Depois o batente de uma das janelas se abriu pela metade, empurrado por um braço nu e branco que saía de uma manga frouxa, e vimos, à luz da tocha que a

criança erguia para a janela, colocando-se na ponta dos pés, uma encantadora figura de moça surgir entre as persianas mais abertas.

Surpresa no meio de seu sono pela voz do irmão, Graziella não tinha tido a ideia ou o tempo de se arrumar um pouco. Correu descalça para a janela, na desordem em que dormia em sua cama. De seus longos cabelos negros, metade caía sobre um lado do rosto; a outra metade se torcia em volta do pescoço e em seguida, trazida do outro lado do ombro pelo vento que soprava com força, batia na persiana entreaberta e voltava para lhe fustigar o rosto como a asa de um corvo sacudido pelo vento.

Com as costas das duas mãos ela esfregava os olhos erguendo os cotovelos e alargando os ombros com o primeiro gesto de uma criança que acorda e quer afastar o sono. Sua camisola, amarrada em torno do pescoço, só deixava ver uma figura alongada e esbelta em que apenas se insinuavam as primeiras curvas de sua juventude. Seus olhos, amendoados e grandes, eram daquela cor indecisa entre o negro escuro e o azul do mar, que suaviza o brilho pela umidade do olhar e que mistura em proporções iguais nos olhos da mulher a ternura da alma e a energia da paixão, tinta celeste que os olhos das mulheres da Ásia e da Itália emprestam do fogo que queima em seus dias quentes e do azul sereno de seu céu, de seu mar e sua noite. As bochechas eram cheias, arredondadas, com um contorno firme, mas com uma tez um tanto pálida e um tanto amorenada pelo clima, não daquela palidez doentia do norte, mas da brancura sã do sul quente que se parece com a cor do mármore exposto há séculos ao ar e às ondas. A boca, cujos lábios eram maiores e mais grossos que os das mulheres de nossos climas, tinha dobras de candura e bondade. Os dentes pequenos, mas vistosos, brilhavam à chama inconstante da tocha como escamas de nácar à beira do mar sob a ondulação da água tocada pelo sol.

Enquanto ela falava com seu irmãozinho, suas palavras vivas, um pouco ásperas e acentuadas, meio levadas pela brisa, ressoavam como música em nossos ouvidos. Sua fisionomia, tão móvel quanto a chama da tocha que a clareava, passou em um minuto da surpresa ao medo e do medo à alegria, da ternura ao riso; depois ela nos percebeu atrás do tronco da grande figueira; retirou-se da janela confusa, sua mão abandonando a persiana que batia livremente na parede; demorou apenas o tempo de acordar a avó e se vestir um pouco e veio nos abrir a porta sob as arcadas e beijar, emocionada, o avó e o irmão.

XIII

A velha mãe apareceu logo trazendo uma lamparina de barro vermelho na mão que clareava seu rosto magro e pálido e seus cabelos tão brancos quanto os novelos de lã que soltavam penugens sobre a mesa em volta de sua roca. Ela beijou a mão do marido e o rosto da criança. Toda a história que estas linhas contêm foi trocada em algumas palavras e alguns gestos entre os membros da pobre família. Não ouvimos tudo. Nós nos mantivemos um pouco longe para não incomodar as expansões do coração de nossos anfitriões. Eles eram pobres, nós éramos estrangeiros: nós lhes devíamos respeito. Nossa atitude reservada e distante, perto da porta, testemunhava isso silenciosamente.

Graziella lançava de vez em quando sobre nós um olhar assustado e como que do fundo de um sonho. Quando o pai terminou de contar, a velha mãe caiu de joelhos perto da entrada; Graziella, subindo ao terraço, trouxe um ramo de alecrim e algumas flores de laranjeira, grandes estrelas brancas; pegou uma cadeira, prendeu o buquê com longos alfinetes, tirados de seus cabelos, diante de uma pequena estátua

escurecida da Virgem posta sobre a porta em frente à qual ardia uma lâmpada. Compreendemos que era uma ação de graças a sua divina protetora por ter salvado o avô e o irmão, e tomamos nossa parte em seu agradecimento.

XIV

O interior da casa era tão nu e parecido com o rochedo quanto o exterior. Eram só paredes sem revestimento, branqueadas apenas com um pouco de cal. As lagartixas, despertadas pela luz, escorregavam e faziam barulhos nos interstícios de pedra e sob as folhas que serviam de leito para as crianças. Os ninhos de andorinhas, cujas cabecinhas negras víamos sair e brilhar com olhos inquietos, estavam suspensos nas vigas cobertas da casca dos troncos que formavam o telhado. Graziella e a avó dormiam juntas no segundo quarto em uma cama só, coberta de velas em pedaços. Cestos de frutas e uma albarda de mula cobriam o chão.

O pescador se voltou para nós com uma espécie de vergonha, mostrando a pobreza de sua casa; depois, nos conduziu ao terraço, lugar de honra no Oriente e no sul da Itália. Ajudado pela criança e por Graziella, fez uma espécie de cobertura apoiando uma das extremidades de nossos remos na parede do parapeito do terraço, a outra extremidade no chão. Cobriu esse abrigo com uns dez feixes de galhos de castanheira recentemente cortados na montanha; estendeu algumas braçadas de folhagem sob essa cobertura; trouxe dois pedaços de pão, água fresca e dois figos, e nos disse para dormir.

A fadiga e as emoções do dia nos deram um sono imediato e profundo. Quando acordamos, as andorinhas já gritavam em torno de nosso leito em rasantes no terraço, para roubar ali as migalhas de nossa ceia; e o sol, já alto no céu, esquentava como um forno os maços de folhas que nos serviam de telhado.

Ficamos muito tempo estendidos sobre nossa forração, nesse estado de semidormência que deixa o homem moral sentir e pensar antes que o homem dos sentidos tenha coragem de se levantar e agir. Trocamos algumas palavras desarticuladas que interrompiam os longos silêncios e que voltavam aos sonhos. A pesca e a véspera, a barca balançando sob nossos pés, o mar furioso, os rochedos inacessíveis, a figura de Graziella entre duas persianas, na claridade da resina: todas essas imagens se cruzavam, se misturavam, se confundiam em nós.

Fomos tirados dessa sonolência pelos soluços e reprovações da velha avó, que falava com o marido na casa. A chaminé, cuja abertura atravessava o terraço, trazia a voz e algumas palavras até nós. A pobre mulher lamentava a perda dos jarros, da âncora, das cordas quase novas e sobretudo das belas velas fiadas por ela, tecidas com o próprio cânhamo, e que tínhamos cometido a barbárie de jogar ao mar para salvar nossas vidas.

— O que é que você tinha que carregar — dizia ao velho aterrado e mudo —, esses dois estrangeiros, esses dois franceses com você? Você não sabe que são pagãos (*pagani*) e que trazem a infelicidade e a impiedade com eles? Os santos puniram você. Eles arrancaram nossa riqueza; agradeça ainda que não tenham arrancado nossas almas.

O pobre homem não sabia o que responder. Mas Graziella, com a autoridade e impaciência de uma criança a quem a avó tudo permitia, se revoltou contra a injustiça de suas reprimendas e tomou o partido do velho:

— O que disse à senhora que esses estrangeiros são pagãos? — respondeu à avó. — Os pagãos têm um ar tão misericordioso pela gente pobre? Os pagãos fazem o sinal da cruz como nós para as imagens dos santos? Pois bem, eu digo à senhora que ontem, quando a senhora caiu de joelhos para agradecer a Deus, e quando eu preendi o buquê na imagem da Madona, eu vi os dois baixarem a cabeça como se rezassem,

fazerem o sinal da cruz no peito, e até vi uma lágrima brilhar nos olhos do mais jovem e cair em sua mão.

— Era uma gota de água do mar que caía de seus cabelos — retomou amargamente a velha.

— E eu digo que era uma lágrima — replicou Graziella com raiva. — O vento que soprava tinha tido tempo de secar seus cabelos desde o rio até o cume da encosta. Mas o vento não seca o coração. Pois bem, eu repito, eles tinham água nos olhos.

Entendemos que tínhamos uma protetora todo-poderosa na casa, porque a avó não respondeu nem murmurou mais.

XV

Nós nos apressamos para descer e agradecer à pobre família a hospitalidade que recebemos. Encontramos o pescador, a velha mãe, Beppo, Graziella e até as criancinhas, que se dispuseram a descer até a praia para ver o barco abandonado na véspera, e ver se estava bem amarrado para o mau tempo, porque a borrasca continuava ainda. Descemos com eles, cabeça baixa, tímidos como hóspedes que foram razão de infelicidade na família e que não estão seguros dos sentimentos que os anfitriões têm por eles.

O pescador e sua mulher estavam alguns degraus a nossa frente; Graziella, levando um de seus irmãozinhos pela mão e outro no braço, vinha em seguida. Seguíamos atrás, em silêncio. Na última volta da descida, de onde se veem os escolhos que o ângulo de um rochedo nos impedia de perceber até então, ouvimos um grito de dor escapar ao mesmo tempo da boca do pescador e da de sua mulher. Nós os vimos erguer os braços para o céu, torcer as mãos em convulsões de desespero, bater os punhos na testa e nos olhos e arrancar tufo de cabelos brancos que o vento levava em volteios contra os rochedos.

Graziella e as criancinhas logo uniram sua voz a esses gritos. Todos se precipitaram como insensatos descendo os últimos degraus da escada para os recifes, avançaram até as franjas de espuma que as ondas imensas levam à terra e caíram na praia, uns de joelhos, outros de rosto no chão, a velha com o rosto nas mãos e a testa contra a areia úmida.

Contemplamos essa cena de desespero do alto do último promontório, sem ter força para avançar ou recuar. A barca, amarrada ao rochedo, mas que não tinha mais âncora na popa para contê-la, tinha sido erguida pelas ondas durante a noite e feita em pedaços contra as pontas dos recifes que deviam protegê-la. A metade do pobre esquife ainda estava presa pela corda à pedra onde a tínhamos amarrado na véspera. Debatia-se fazendo um barulho sinistro como vozes de homens em perdição que se extinguem em um gemido rouco e desesperado.

As outras partes do casco, a popa, o mastro, o esqueleto, as tábuas pintadas estavam espalhadas aqui e ali sobre a areia, parecendo membros de cadáveres dilacerados por lobos depois de um combate. Quando chegamos à praia, o velho pescador estava ocupado correndo de um a outro desses restos. Ele os juntava, olhava com olhos secos, depois os deixava cair a seus pés para ir mais longe. Graziella chorava, sentada no chão, a cabeça sobre o avental. As crianças, pernas nuas no mar, corriam gritando atrás dos restos das tábuas que se esforçavam para trazer para a beira.

Quanto à velha, ela não parava de gemer e falar entre gemidos. Só entendíamos acentos confusos e trapos de queixas que feriam o ar e cortavam o coração.

— Oh mar feroz! mar surdo! mar pior que os demônios do inferno! mar sem coração e sem honra! — gritava com palavras de injúria, mostrando o punho fechado para as ondas. — Por que não pegou a nós? nós todos? já que tomou

nosso ganha-pão? Toma! toma! toma! toma a mim mesma em pedaços, já que já me levou inteira!

E dizendo essas palavras ela se punha sentada, jogava, junto com trapos de seu vestido, tufos de seus cabelos no mar. Fazia gesto de bater na onda, repisava a espuma; depois, passando alternativamente da cólera à queixa e das convulsões à mansidão, sentava de novo na areia, apoiando o rosto nas mãos e olhando aos prantos as tábuas soltas bater no recife.

— Pobre barca! — ela gritava, como se esses restos tivessem sido membros de um ente querido apenas privado de sentimentos. — É esse o destino que nós devíamos a você? Não deveríamos perecer junto? Perecer juntos, como vivemos? Aí! em pedaços, aos restos, em poeira, gritando, morta ainda, sobre o recife onde você nos chamou durante a noite e onde nós deveríamos socorrê-la! O que pensa de nós? Você nos serviu tão bem e nós a traímos, abandonada, perdida! Perdida, aí, tão perto de casa, ao alcance da voz de seu mestre! jogada na costa como o cadáver de um cachorro fiel que a vaga rejeita aos pés do mestre que o afogou!

Depois suas lágrimas afogaram sua voz; depois ela retomou toda a enumeração, uma a uma, das qualidades da barca, de todo o dinheiro que tinha custado, de todas as lembranças que se apegavam, para ela, a esse pobre resto flutuante.

— Foi para isso — ela dizia —, que nós a tínhamos calafetado e pintado tão bem depois da pesca do atum? Era para isso que meu pobre filho, antes de morrer e me deixar três crianças, sem pai nem mãe, a tinha construído com tantos cuidados e tanto amor, quase inteiro com as próprias mãos? Quando eu vinha pegar os cestos no cais, eu reconhecia as marcas do machado na madeira, e eu os beijava em memória dele. São os tubarões e os caranguejos do mar que as beijarão agora! Durante as noites de inverno ele próprio tinha esculpido com sua faca a imagem de São Francisco sobre uma tábua, e

a tinha fixado na proa para protegê-la do mau tempo. Ó santo impiedoso! Como mostrou reconhecimento? Que fez com meu filho, com sua mulher e a barca que ele nos tinha deixado para ganhar a vida para seus pobres filhos? Como ele protegeu a si próprio, e onde ela está, sua imagem, brinquedo das ondas?

— Mãe! Mãe! — gritou uma das crianças juntando da areia, entre duas pedras, um estilhaço do barco deixado no seco por uma onda — está aqui o santo!

A pobre mulher esqueceu toda sua raiva e suas blasfêmias, correu, pés na água, para a criança, pegou o pedaço de tábua esculpido por seu filho e o colou aos lábios cobrindo-o de lágrimas. Depois foi se sentar de novo e não disse mais nada.

XVI

Ajudamos Beppo e o velho a recolher um a um todos os pedaços da barca. Puxamos a quilha mutilada para mais adiante na praia. Fizemos uma pilha desses restos, pois algumas tábuas e ferragens poderiam ainda servir a essa pobre gente; colocamos sobre grandes pedras para que as ondas, se subissem, não dispersassem esses queridos restos do esquife e subimos novamente para a casa, tristes e bem longe atrás dos anfitriões. A ausência do barco e o estado do mar não nos permitiam partir.

Depois de ter aceitado, com olhos baixos e sem dizer uma palavra, um pedaço de pão e leite de cabra que Graziella nos trouxe perto da fonte, sob a figueira, deixamos a casa com seu luto e fomos passear entre as altas parreiras do vinhedo e sob as oliveiras do platô elevado da ilha.

XVII

Mal nos falávamos, meu amigo e eu, mas pensávamos a mesma coisa e tomamos por instinto todos os caminhos que levavam à

ponta oriental da ilha e que deviam nos levar ao vilarejo seguinte de Procida. Alguns pastores de cabras e algumas moças com costumes gregos, que encontramos levando jarros de óleo sobre a cabeça, nos colocaram várias vezes no caminho certo. Chegamos enfim ao vilarejo depois de uma hora de caminhada.

— Eis uma triste aventura — disse enfim meu amigo.

— Precisamos torná-la alegre para essa boa gente — eu respondi.

— Eu pensei nisto — ele retomou, fazendo soar em seu cinto de couro um bom número de cequins de ouro.

— E eu também; mas não tenho mais que 5 ou 6 cequins na minha bolsa. Entretanto, fui a metade da infelicidade e tenho de ser também a metade da reparação.

— Eu sou o mais rico de nós dois — disse meu amigo —, tenho um crédito com um banqueiro em Nápoles. Vou arranjar tudo. Acertaremos nossas contas na França.

XVIII

Dito isso, descemos distraidamente as ruas de Procida. Chegamos logo à marina. É assim que se chama a praia vizinha à enseada ou o porto no arquipélago e nas costas da Itália. A praia estava coberta de barcas de Ischia, de Procida e de Nápoles, que a tempestade tinha forçado a procurar abrigo naquelas águas. Os marinheiros e os pescadores dormiam ao sol, ao barulho das ondas morrendo, ou conversavam em grupos, sentados no quebra-mar. Pelas nossas roupas e o gorro vermelho eles nos tomavam por jovens marujos da Toscana ou de Gênova que algum dos brigues que carregam óleo ou vinho de Ischia tinha desembarcado em Procida.

Percorremos a marina procurando com os olhos uma barca sólida e bem conveniente, que pudesse ser facilmente manobrada por dois homens e com proporção e formas que se aproximassem o mais possível daquela que tínhamos perdido.

Não foi difícil encontrar. Ela pertencia a um rico pescador da ilha, que tinha muitas outras. Aquela tinha só alguns meses de serviço. Fomos até o proprietário, cuja casa as crianças do porto nos indicaram.

O homem era alegre, sensível e bom. Ficou tocado pela história que contamos sobre o desastre da noite e a desolação de seu pobre compatriota de Procida. Ele não perdeu nenhum tostão no preço de sua embarcação, mas também não exagerou nada no valor e a compra foi fechada em 32 cequins de ouro, que meu amigo lhe pagou em dinheiro vivo. Por essa soma, o barco e um aparelho novo: velas, jarros, cordames, âncora de ferro, tudo era nosso.

Até completamos o equipamento comprando em uma loja do porto dois capotes de lã vermelha, um para o velho, outro para a criança. Juntamos redes de vários tipos, cestos de peixes e alguns utensílios grosseiros para os trabalhos da casa, para as mulheres. Combinamos com o mercador de barcos que pagaríamos 3 cequins a mais se a embarcação fosse conduzida no mesmo dia ao ponto da costa que designamos. Como a borrasca baixava e a terra elevada da ilha abrigava um pouco o mar do vento dessa costa, ele fechou o negócio e partimos por terra para a casa de Andrea.

XIX

Fizemos o caminho lentamente, sentando sob todas as árvores, à sombra de todas as trepadeiras, conversando, sonhando, negociando com todos os jovens procidianos cestos de figos, nêspersas e uvas que eles carregavam, e dando às horas o tempo de passar. Quando, do alto de um promontório, percebemos nossa embarcação que deslizava furtivamente sob a sombra da costa, apressamos o passo para chegar ao mesmo tempo que os remadores.

Não ouvíamos nem passos nem vozes na casinha e na vinha que a cercava. Dois belos pombos de grandes patas emplumadas e com asas brancas rajadas de preto, bicando grãos de milho sobre o parapeito do terraço, eram o único sinal de vida que animava a casa. Subimos sem barulho para o telhado: encontramos a família profundamente adormecida. Todos, à exceção das crianças cujas cabeças bonitas repousavam ao lado uma da outra nos braços de Graziella, ressonavam em estado de abatimento produzido pela dor.

A velha mãe tinha a cabeça sobre os joelhos e seu hálito adormecido parecia ainda soluçar. O pai estava estendido de costas, os braços em cruz, em pleno sol. As andorinhas davam rasantes em seus cabelos grisalhos. As moscas cobriam seu rosto suado. Duas marcas fundas em volta de sua boca atestavam que a força do homem tinha se partido e que ele havia se desfeito em lágrimas.

Esse espetáculo nos cortou o coração. A ideia da felicidade que iríamos dar a essas pobres pessoas nos consolou. Nós os acordamos. Jogamos aos pés de Graziella e de seus irmãozinhos, no chão do terraço, os pães frescos, o queijo, os embutidos, as uvas, as laranjas, os figos que carregamos na estrada. A jovem e as crianças não ousavam se levantar no meio dessa chuva de abundância que caía como do céu em volta deles. O pai nos agradecia por sua família. A avó via tudo isso com um olhar opaco. A expressão de sua fisionomia se aproximava mais da cólera que da indiferença.

— Vamos, Andrea — meu amigo disse ao velho —, o homem não deve chorar duas vezes o que ele pode comprar com o trabalho e a coragem. Há tábuas nas florestas e velas no cânhamo que cresce. Só a vida do homem esgotado pelo sofrimento não cresce de novo. Um dia de lágrimas consome mais forças que um ano de trabalho. Desça conosco, com sua mulher e seus filhos. Nós somos seus marujos; nós o ajuda-

remos a subir para o pátio os restos de seu naufrágio. O senhor fará portões, camas, mesas, móveis para a família. Um dia isso lhe dará prazer, dormir tranquilo em meio a essas tábuas que por tanto tempo o embalarão sobre as ondas.

— Que elas possam só nos dar caixões! — murmurou a avó.

XX

Eles se levantaram, contudo, e nos seguiram todos descendo lentamente a encosta; mas víamos que até a vista do mar e o som das ondas lhes fazia mal. Não tentarei descrever a surpresa e a alegria dessa pobre gente quando, do alto do último patamar da rampa, percebeu a bela embarcação nova, brilhando ao sol e puxada para o seco, sobre a areia, ao lado dos restos da antiga, e meu amigo lhes disse: “É para vocês!” Caíram todos de joelhos como se atingidos por um raio da mesma alegria, cada um sobre o degrau em que estava, para agradecer a Deus, antes de encontrar palavras para nos agradecer. Mas sua felicidade nos agradecia o suficiente.

Eles se levantaram à voz de meu amigo que os chamava. Correram atrás de seus passos até a barca. Fizeram primeiro à distância e respeitosamente uma volta em torno, como se temessem que ela tivesse algo de fantástico e que fosse desaparecer como um prodígio. Depois se aproximaram, depois a tocaram levando à testa e aos lábios o que a mão tinha tocado. Enfim fizeram exclamações de admiração e alegria e, dando-se as mãos, da velha às criancinhas, dançaram em torno do casco.

XXI

Beppo foi o primeiro a subir. De pé sobre o pequeno convés da proa, puxava um a um do calado todo o aparelho com que o tí-

nhamos preenchido: a âncora, os cordames, os jarros de quatro alças, as belas velas novas, os cestos, os capotes com mangas largas; ele fazia a âncora soar, erguia os remos acima da cabeça, desdobrava a vela, esfregava entre os dedos o tecido rude dos casacos, mostrava todas essas riquezas ao avô, à avó, à irmã, com gritos e batendo os pés de alegria. O pai, a mãe e Graziella choravam olhando alternadamente para nós e para a barca.

Os marinheiros que tinham levado a embarcação, escondidos atrás dos rochedos, choravam também. Todo mundo nos bendizia. Graziella, o rosto baixo e mais séria em seu reconhecimento, se aproximou de sua avó e eu a ouvi murmurar nos mostrando com o dedo.

— A senhora dizia que eram pagãos! E quando eu dizia que podiam bem ser anjos! Quem tinha razão?

A velha se jogava a nossos pés e nos pedia perdão por suas suspeitas. Depois desse momento, ela nos amou quase tanto quanto ela amava sua neta ou Beppo.

XXII

Liberamos os marinheiros de Procida depois de pagar os 3 cequins acordados. Cada um se encarregou de um dos objetos do aparelho, que enchiam o calado. Levamos para a casa, no lugar dos restos de sua fortuna, todas essas riquezas da feliz família. À noite, depois de ceiar à luz da lamparina, Beppo tirou da cabeceira da cama de sua avó o pedaço quebrado de madeira onde a imagem de São Francisco tinha sido esculpida por seu pai; ele o deixou quadrado com uma serra, limpou com sua faca, poliu e pintou como novo. Propôs-se a fixá-lo no dia seguinte na extremidade interior da proa, para que houvesse na nova barca algo da velha. Era assim que os povos da Antiguidade, quando erguiam um templo no lugar de outro, tinham o cuidado de colocar na construção do novo pré-

dio os materiais ou pelo menos uma coluna do antigo, para que houvesse alguma coisa de velho e de sagrado no novo, e que mesmo esse pedaço rude e grosseiro tivesse seu culto e seu prestígio para o coração entre as obras-primas do novo santuário. O homem é homem em todos os lugares. Sua natureza sensível tem sempre os mesmos instintos, quer se trate do Partenon, de São Pedro de Roma ou de um pobre barco de pescador sobre os escolhos de Procida.

XXIII

Essa noite foi talvez a mais feliz de todas as noites que a Providência destinou a essa casa desde que ela surgiu do rochedo e até ela virar poeira. Dormimos ao som do vento nas oliveiras, com o barulho das ondas na costa e com os reflexos rasantes da lua no nosso terraço. Quando acordamos, o céu estava limpo como um cristal polido, o mar escuro e pintado de espuma como se a água tivesse transpirado de agitação e cansaço. Mas o vento, mais furioso, rugia sempre. Os respingos brancos que as ondas acumulavam na ponta do cabo Miseno estavam ainda mais altos que na véspera. Eles mergulhavam toda a costa de Cuma em um fluxo e refluxo de bruma luminosa que não parava de subir e descer. Não víamos nenhuma vela sobre o golfo de Gaeta nem sobre o de Baia. As andorinhas-do-mar chacoalhavam a espuma de suas asas brancas, único pássaro que está em seu elemento durante a tempestade e que grita de alegria durante os naufrágios, como aqueles habitantes malditos da baía dos Trépassés, que esperam sua presa nos navios perdidos.

Experimentamos, sem nos dizer, uma alegria secreta por estarmos assim aprisionados pelo mau tempo na casa e na vinha do timoneiro. Isso nos dava tempo de saborear nossa situação e de aproveitar a felicidade dessa pobre família a que nos apegamos como crianças.

O vento e o mar grosso nos retiveram nove dias inteiros. Desejaríamos, eu, sobretudo, que a borrasca não terminasse mais e que uma necessidade involuntária e fatal nos fizesse passar anos onde nos encontrávamos tão presos e felizes. Nossos dias passavam, no entanto, uniformes e sem que os sentíssemos. Não há prova melhor de que é preciso muito pouco para ser feliz quando o coração é jovem e deleita-se com tudo. É assim que os alimentos mais simples sustentam e renovam a vida do corpo quando o apetite os tempera e os órgãos são novos e sãoos...

XXIV

Acordar com os gritos das andorinhas que roçavam nosso telhado de folhas sobre o terraço onde tínhamos dormido; ouvir a voz infantil de Graziella, que cantava a meia-voz na vinha com medo de perturbar o sono dos dois estrangeiros; descer rapidamente à praia para nos jogar no mar e nadar alguns minutos em uma pequena *calanque*, cuja areia fina brilhava através da água funda e transparente e onde o movimento e a espuma do alto mar não penetravam; subir lentamente para casa secando e esquentando ao sol os cabelos e os ombros úmidos do banho; almoçar na vinha um pedaço de pão e queijo de búfala, que a jovem nos trazia e partia conosco; beber a água clara e fresca da fonte, trazida por ela em uma jarrinha oblonga de barro que ela, ruborizando, inclinava sobre o braço, enquanto nossos lábios se colavam ao orifício; ajudar a família nos mil pequenos trabalhos rústicos da casa e do jardim; reerguer a estrutura dos muros que contornavam a vinha e que suportavam os terraços; desenterrar pedras grandes, que tinham rolado durante o inverno do alto desses muros sobre as novas videiras e que ocupavam o pouco de espaço disponível para plantação entre as cepas; trazer para a cava as gran-

des abóboras amarelas, daquelas que uma só já dava o peso de um homem; cortar em seguida suas hastes que cobriam a terra com suas grandes folhas e que atrapalhavam nossos passos com seu emaranhado; traçar entre cada fila de cepas, sob as altas parreiras, um pequeno canal na terra seca, para que a água da chuva se depositasse ali sozinha e as umedecesse por mais tempo; cavar para o mesmo uso espécies de poços em forma de funil no pé das figueiras e dos limoeiros: eram essas nossas ocupações matinais, até a hora em que o sol batesse verticalmente sobre o telhado, sobre o jardim, sobre o pátio, e nos forçasse a procurar o abrigo das parreiras. A transparência e o reflexo das folhas de videira faziam ali sombras flutuantes de uma cor quente e um pouco dourada.

copyright da tradução brasileira: © Editora Carambaia, 2016
título original: *Graziella* [França, 1852]

direção editorial **Fabiano Curi**
edição **Graziella Beting**
tradução e posfácio **Sandra M. Stroparo**
preparação **Roberto Homem de Mello**
revisão **Ricardo Jensen de Oliveira e Liana Amaral**
projeto gráfico **Mariana Bernd**
produção gráfica **Lilia Góes e Toninho Amorim**

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L22g
Lamartine, Alphonse de, 1790-1869
Graziella / Alphonse de Lamartine; tradução Sandra M. Stroparo.
1. ed. - São Paulo: Carambaia, 2016.
152 p.; 18 cm.

Tradução de: Graziella
ISBN 978-85-69002-16-1

1. Romance francês. I. Stroparo, Sandra M.. II. Título.

16-33487 CDD: 843
CDU: 821.133.1-3

editora Carambaia
rua Alexandre Dumas, 1.601, cj. 23
04717-004 São Paulo SP
contato@carambaia.com.br
www.carambaia.com.br

978-85-69002-16-1



O texto deste livro foi composto com a fonte tipográfica Chronicle. Criada nos Estados Unidos em 2002 por Jonathan Hoefler e Tobias Frere-Jones, ela se inspira nos tipos serifados do início do século XIX. Muito usados na impressão de livros, eles foram progressivamente abandonados com a industrialização da imprensa, pois os detalhes do traçado delicado de suas letras sumiam com a tinta que transbordava na passagem rápida da máquina. Para os títulos, foi usada a Knockout, dos mesmos designers.

O livro foi impresso em papel Pólen Bold 90 g/m² (miolo) e Markatto Stile Avorio 170 g/m² (capas), na gráfica Ipsis, em junho de 2016.

ESTE EXEMPLAR É O DE NÚMERO

DE UMA TIRAGEM DE 1.000 CÓPIAS